

Autora: Ma. Fernanda Justo Hernández



*Revista Latinoamericana de Estudiantes de Geografía*  
ISSN: 0718-770X • No. 9 • Diciembre de 2022 • pp. 82-91.  
<http://releg.org/>

---

## **A História da Representatividade Feminina no Corpo Docente do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco: Entrevista com a Dra. Thaís de Lourdes Correia Andrade**

The History of Feminine Representativeness in the Faculty of the Department of Geographical Sciences of the Federal University of Pernambuco: Interview with a Dra. Thaís de Lourdes Correia de Andrade

**Milka Lopes Beserra**

*Universidade Federal de Pernambuco, BRASIL*

[milka.lopes@ufpe.br](mailto:milka.lopes@ufpe.br)

**Marina Loureiro de Medeiros**

*Universidade Federal de Pernambuco, BRASIL*

[marinalou93@gmail.com](mailto:marinalou93@gmail.com)

Recibido: 31/08/2022. Aprobado: 18/10/2022. Publicado (en línea): 31/12/2022.

## **RESUMO**

A presente entrevista foi desenvolvida para a obtenção de dados para o desenvolvimento de dois projetos de Iniciação Científica (2020-2021/2021-2022 PIBIC/CNPQ-UFPE) que busca identificar quem foram as mulheres professoras que contribuíram para a consolidação do DC-G-UFPE não apenas em questões acadêmicas, mas também no desenvolvimento de representatividades entre os gêneros em ambientes de produção científica. Nesse sentido, a presente entrevista demarca quem foram essas mulheres professoras que adentram ao Departamento de Ciências Geográficas na Universidade Federal de Pernambuco (1960-2010) e em especial a Dra Thais de Lourdes Correia de Andrade e quais as problemáticas de gênero vivenciadas nesse período. Buscou-se também entender a partir de quais cenários essas mulheres se construíram como profissional Geógrafa e professoras acadêmicas, como também de quais formas essas mulheres contribuíram para a produção de estudos geográficos em Pernambuco. Essa entrevista de caráter semi estruturado foi realizada remotamente no dia 29 de Junho de 2022. As principais temáticas abordadas na entrevista foram as seguintes: a experiência individual da Professora Thais de Lourdes Correia de Andrade como docente nos seus primeiros anos no Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, sobre as diferenças de representatividade entre os gêneros no DCG – UFPE e por fim quais os principais desafios das mulheres para construir a vida pública no caso da entrevistada.

**PALAVRAS CHAVES:** Geografia feminina; Departamento de Ciências Geográficas; Pernambuco.

## **ABSTRACT**

The present interview was developed to obtain data for the development of two Scientific Initiation projects (2020-2021/2021-2022 PIBIC/CNPQ-UFPE) that seeks to identify who were the women professors who contributed to the consolidation of DCG-UFPE not only in academic issues, but also in the development of gender representativities in scientific production environments. In this sense, the present interview marks who were these women professors who joined the Department of Geographical Sciences at the Federal University of Pernambuco (1960-2010), especially Dr. Thais Lourdes Correia de Andrade, and what were the gender issues experienced during this period. We also sought to understand from which scenarios these women built themselves as professional geographers and academic professors, as well as in which ways these women contributed to the production of geographic studies in Pernambuco. This semi-structured interview was conducted remotely on June 27, 2022. The main themes addressed in the interview were the following: the individual experience of Professor Thais Lourdes Correia de Andrade As a professor in her first years in the Department of Geographical Sciences of the Federal University of Pernambuco, about the differences of representation between genders in the DCG - UFPE and finally which are the main challenges for women to build a public life in the case of the interviewee.

**KEY WORDS:** Women's Geography; Department of Geographical Sciences; Pernambuco.

## INTRODUÇÃO

A entrevista em questão foi desenvolvida como parte da coleta de dados da pesquisa do Programa Institucional de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa intitulada ‘A Geografia Feminina em Pernambuco: a consolidação das mulheres no pensamento geográfico contemporâneo na UFPE (1990-2010)’ ; ‘A Geografia Feminina em Pernambuco: a presença das mulheres na consolidação do pensamento geográfico na UFPE (1960 – 1990)’, a pesquisa está sendo desenvolvida no período de 2020-2022 e se dispõe a realizar um resgate histórico e geográfico da participação feminina na docência do departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco. A professora Thaís de Lourdes Correia é uma das professoras que participou da consolidação do DCG-UFPE como também é uma das professoras que ainda permanecem em atividade na UFPE. A entrevista com a Dra. Thaís de Correia além de notificar a sua participação docente, também pontua a espacialidade da sua formação nas Ciências Geográficas: cargos ocupados, instituições onde trabalhou, disciplinas ministradas, suas principais influências para se tornar geógrafa e docente, quem foram alguns dos seus colegas de trabalho, como foi o seu cotidiano como mulher em conjunto com a sua formação.

O pensamento geográfico em Pernambuco detém sua própria história, caracterizando sua singularidade. Pernambuco é um lócus muito importante para o surgimento

da ideia de Nordeste e da produtividade geográfica regional. Contudo, a exemplo da história do pensamento ocidental, as vozes que se tornaram dominantes e hegemônicas nestas reflexões são vozes masculinas. A dominação política e ideológica do gênero masculino se reverteu na divisão social do trabalho, com as mulheres formadas em Geografia no Brasil, depois da década de 30 e 40, não ascendendo profissionalmente como os homens, ao ponto de serem professoras universitárias. Muitas viraram professoras do ensino fundamental em colégios, e outras professoras universitárias tornaram-se secundárias ou esquecidas na história do pensamento.

Contudo, as mudanças sociais ocorridas entre os anos de 1990-2010 proporcionaram às mulheres a oportunidade de começarem a fazer parte, mesmo que poucas, do quadro de pesquisa e ensino universitário. Isso se contextualiza na história do Brasil até os anos 1990 que é marcada por mudanças nas produções culturais literárias e no que diz respeito ao moralismo social, com destaque aos Movimentos Feministas, Movimento LGBT, Movimento Hippie, Movimentos Estudantis, Greves Trabalhistas, Democratização do Brasil, Queda do Muro de Berlim etc. Contudo, para a história do pensamento geográfico realizado no Brasil, e especificamente em Pernambuco, estas mulheres, que fizeram parte da consolidação da Geografia em Pernambuco e no Brasil (1990), estiveram na maioria das vezes no ostracismo. Em contrapartida, no início dos anos 2000 e mais precisamente em 2010 no Brasil é possível encontrar

mudanças geográficas que repercutiram na crescente representatividade das mulheres nos diversos postos de trabalho como também na produção científica. No que diz respeito a importância dessa representatividade na Geografia em Pernambuco, já investigamos que as mulheres foram marcantes no período de consolidação do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE e nos estudos regionais na década de 60 a 90 como também para a construção da Geografia contemporânea nos anos 2000 - 2010. Para contextualizar, as mudanças de representatividade no DCG – UFPE ocorridas entre 1990 e 2010, nos anos 90, da mesma forma que nos anos precursores do Departamento de Ciência Geográficas (DCG) não havia muitas mulheres professoras.

Mas, no início dos anos 2000 – 2010 no Brasil e em Pernambuco elas já estavam mais presentes nas produções científicas e como professoras no DCG – UFPE e já representavam um quantitativo equivalente aos docentes do sexo masculino. Dessa forma, é importante a investigação dessas mulheres como contribuintes para a representação do pensamento geográfico e dos estudos regionais do Nordeste construindo um paralelo entre anos de 1990 e 2010. Dessa forma será possível notificar as evoluções ou os retrocessos nas representatividades femininas nos espaços científicos, tendo em vista as diversas transformações culturais, políticas e geográficas ocorridas no Brasil entre os anos 90 e 2010. O reconhecimento do papel dessas mulheres precursoras como também das que com-

puseram a construção da Geografia contemporânea por sua atuação e produtividade, entre os anos de 1990- 2010, é uma forma de destacar o local de fala feminino, haja vista, a estrutura social patriarcal vigente até os dias atuais. . Isso se expressa, inclusive, no resgate histórico do pensamento geográfico, que neste caso tem destacado muito o papel dos homens autores como, no caso da Geografia da UFPE, Hilton Sette, Mário Lacerda, Gilberto de Osório, Manuel Correia de Andrade, como também alguns homens de renome na Geografia contemporânea, mas poucas pesquisas sobre mulheres foram realizadas, destacando seus papéis políticos e resgatando suas reflexões.

Diante dessa problemática podemos perguntar: Quem foram essas mulheres e como foram desenvolvidas as suas representatividades no DCG-UFPE com a passagem dos anos 1990 - 2010? Quais pesquisas elas desenvolveram? O que se passava, em termos geográficos, no Brasil e Pernambuco neste período (1990-2010) que possa ter influenciado na presença feminina no DCG/UFPE? Quais pressões as relações de gênero, de fundos patriarcais e machistas, exerceram sobre essas mulheres nos espaços da universidade, em relação à divisão do trabalho, dominação política e ideológica entre os anos de 1990 e 2010? Quais as principais contribuições da produção geográfica destas mulheres para a consolidação do pensamento geográfico em PE, como também na estruturação da Geografia contemporânea regional? Frente a tais questionamentos traçou-se os se-

guintes objetivos: Objetivo Geral: Investigar a presença e atuação das mulheres no pensamento geográfico contemporâneo na UFPE no período de 1990 – 2010.

Para contextualizar a trajetória da Professora Thaís de Lourdes, de acordo com o texto disponibilizado na Plataforma Lattes a Thaís de Lourdes Corrêa ‘Possui graduação em Licenciatura Em Geografia pela Universidade Católica de Pernambuco(1970), graduação em Bacharelado Em Geografia pela Universidade Católica de Pernambuco(1984), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco(1982), doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo(2018) e aperfeiçoamento em Análise Demográfica pelo Fundação Joaquim Nabuco/CONDEPE/SUDENE(1984). Atualmente é funcionário da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Atuando principalmente nos seguintes temas:Manuel Correia de Andrade, Geografia, Nordeste Brasileiro, Pensamento Geográfico, Questão Ambiental e Questão Regional.’A entrevista foi realizada de caráter Semi Estruturada e na modalidade remota por conta dos acontecimentos reproduzidos em escala mundial com a Pandemia do COVID-19. Buscamos discorrer sobre a presença e atuação da Dra. Thaís de Correia nas discussões sobre Geografia. Contamos participando da entrevista com a também entrevistadora Mestre Marina Loureiro de Medeiros.

## ENTREVISTA COM DRA. THAIS DE LOURDES CORREIA DE ANDRADE

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** E então professora, eu acho que a senhora leu um pouquinho do que eu enviei para a senhora sobre a minha pesquisa, essa uma pesquisa eu iniciei em dois mil e vinte pesquisando quem foram as mulheres professoras do departamento e aí eu concluí essa primeira parte da pesquisa sobre que foram as mulheres de 1960-1990. Mas acontece que eu não tive contato com todos por conta da pandemia, que coisa toda. E aí a gente submeteu um novo projeto de PIBIC que é graças a Deus eu passei novamente e aí eu estou continuando essa pesquisa que vem agora de 1990-2010. Mas aí eu estou tentando estabelecer esse contato com as mulheres que eu não tive o primeiro contato eh no meu primeiro PBIC porque isso vai se tornar meu TCC, sabe? E aí contribuí pra minha pras duas partes. E aí eu queria que a senhora contasse assim a sua experiência de como foi a senhora chegou no departamento e o que foi que impulsionou.

Entendendo que a mulher vive nos dois mundos que a mulher vive: a vida pública, a vida privada, a dificuldade muitas vezes que a gente tem que dispor em casa para ter um cuidado de alguém, dos filhos, do esposo, da casa e como isso implicou no desenvolvimento de sua carreira, se a senhora poder contar. Se puder contar também algum depoimento de alguma amiga de que sentia muito mais essas dificulda-

des de ser mulher no departamento ou sobre essa dinâmica dos dois mundos dessa sobrecarga. De viver, de ter que trabalhar em casa, gostaríamos que a senhora contasse um pouquinho pra gente quais as mulheres que a senhora estabeleceu relações para produzir trabalhos

**Entrevistada Thaís de Lourdes Correia de Andrade:** Pronto, tá certo. Olha só, eu vou expor porque tem várias perguntas em só, eu vou responder se ficar alguma você fala. Veja, eu comecei a minha vida como professora e do ensino médio no Ginásio Pernambucano e ensinando geografia, geografia do Brasil, introdução a geografia, geografia geral, ainda como aluna do curso de geografia no meu tempo os cursos já eram como você sabe eu sempre tive inclinação por geografia. sempre me dediquei mais a geografia, sempre no colégio eu estava direito tirando melhores notas na geografia e na história, mas no final eu optei exatamente por fazer a nossa ciência e aí eu fiz o curso na Universidade Católica porque ficava mais fácil pra mim na época eu trabalhava em um órgão de planejamento no CONDEPE-FIDEM que foi da realidade a minha primeira experiência profissional e que por sinal também muito boa, eu guardo muitas recordações do CONDEPE, certo? Na época eu era estagiária, eu fui fazer o curso da católica porque tinha aula de noite e aí fiz o curso e por um professor meu da católica eu convidada fui a fazer parte do quadro. das geógrafas, da católica não, dos geógrafos, do CONDEPE. E aí trabalho muitos e muitos anos no CONDEPE num determinado momento

fui chamado pra ser professor da católica eu acumulei o trabalho no planejamento que era de manhã e de tarde e à noite eu ia dar aula na católica.

Na católica as disciplinas às vezes coincidem com disciplinas que eu comecei a lecionar e ainda leciono na federal. Mas como o sistema da católica os professores eram horistas, então tinha aquele elenco de disciplinas que te era oferecida. Agora é lógico se você fosse da área das urbanas as disciplinas seriam da área de urbana. Uma vez que me botaram pra ensinar introdução a geomorfologia. Menina eu fiquei meu senhor Jesus Cristo, como é que eu vou fazer agora? Aí foi quando essa disciplina era de Lucivânio e aí Lucivânio estava deixando a católica. Ele aí soube, aí perguntou a menina como é que se faz isso com a professora? Ela nunca ensinou uma disciplina na área da geografia física, principalmente da geomorfologia.

Eu lembro bem, eu tava na minha sala do CONDEPE quando anunciou um amigo meu lá na recepção. e esse amigo foi Lucivânio que trouxe pra mim um livro dele introdução a geomorfologia aí ele está isolando esse livro é o seu você leia trabalho livre acrescente outras bibliografias, me dê outras bibliografias e qualquer coisa que você fala comigo. Então está certo. E fui em frente e disse: não entrava na sala de aula à vontade como eu entrava nas minhas disciplinas de Geografia da População, mas dei conta do recado. E aí em 1994 abriu o concurso para a Universidade Federal de Pernambuco, e eu disse: bom já

está na hora de eu ir para uma outra área e deixar o planejamento eu já estava no planejamento desde 1975.

E aí eu fui e me preparei para fazer o concurso não foi de professor substituto, até porque não existia esse professor substituto, não pelo que eu sabia na época, eu entrei como auxiliar que era a primeira categoria que existia. Fiz o concurso, passei e comecei a lecionar Geografia Econômica e tinha a disciplina de Geografia da População e eu fiquei de imediato entusiasmada com ela, só que a professora era Maria José Nonato e ela era responsável por essa disciplina, ela disse: olhe eu posso qualquer uma outra, mas essa não posso. E eu pensei um dia eu irei ensinar Geografia da População. E aí comecei ensinar no básico Geografia Econômica e passei depois a lecionar Geografia da População no segundo período. Por onde eu passei, seja na CONDEPE, na Católica eu nunca senti nenhuma restrição por parte digamos que por ser mulher de ter que conciliar a casa com o trabalho, não é fácil eu digo sempre a mulher tem sempre três expedientes: se ela não lecionar fora, no caso a professora, o terceiro expediente ela tem, pois ela trabalha fora, quando chega tem os afazeres da casa, os afazeres com os filhos e com o marido que nem sempre é compreensivo, às vezes ele é aquela pessoa que quer exigir mais alguma coisa da sua atuação na casa pelo fato de você trabalhar fora essa coisa todinha.

Mas graças a Deus eu sempre tive essa ajuda e tive três filhos. No departamento

de Geografia eu sempre convivi bem com os colegas eu nunca senti nenhum comentário de 'há somos homens podemos pegar um trabalho de campo mais pesado que vocês' não, nunca passei por isso. Inclusive peguei um trabalho de campo com a professora Rachel Caldas de 19 dias e nessa época eu já tinha dois filhos e deixei os dois em casa com o pai e com a supervisão da minha mãe. Minha mãe dizia sempre que o primeiro marido que a mulher deve ter é o trabalho para não depender nem dele e nem de ninguém. Nós lá em casa sempre fomos acostumadas a isso. As disciplinas que eu sempre lecionei são essas que você conhece e no período de reforma do curso eu sugeri a disciplina de Pernambuco, pois foi uma disciplina eletiva que eu lecionei por muito tempo e quando eu saí para fazer o meu doutorado fora a professora Priscila Vasconcelos foi quem ficou no meu lugar com essa disciplina. Tanto que quando eu retornei eu perguntei a ela se ela me daria de volta à disciplina e ela falou 'oh professora eu gostei tanto' e eu disse a ela que não teria problemas e que ela poderia continuar com a disciplina e na época Itamar me passou uma outra disciplina.

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** A senhora estabeleceu alguma parceria de trabalho com a professora Rachel Caldas ou com alguma professora no seu início que a senhora construiu mais trabalhos? Pergunto isso, pois em outras entrevistas as professoras sempre falam da parceria com outras mulheres para fazerem trabalhos. Entrevista da Thaís de Lourdes Correia de Andrade:

Olha só sempre tive uma boa relação com as pessoas e muitos desses professores eu os conhecia de casa, de dentro de casa eles eram amigos da família e muitos deles eram meus contatos antes mesmo de eu ir para o departamento. a Rachel foi minha professora de clima uma boa professora e muito querida das pessoas e dos alunos. Eu tive trabalhos com a Professora Vanice, com o professor Joaquim Correia, com Rosalva e a Aldemir essas eram as pessoas que estavam mais ligadas a mim. E de vez em quando realizamos atividades juntos, um exemplo, em escolas públicas em Tamandaré com Vanice e Aldemir e desses trabalhos se tornavam documentos e apresentavam e com alunos na cátedra gilberto freyre de 2007-2014 que foi quando o coordenador faleceu e Edvania solicitou que eu ficasse a frente. Eu tinha um grupo de bons alunos que produziam muito e um desses alunos é a Maria Rita, a Jaci Camara Eu mantenho contato com Silvana, Vanice e a Pernet de quando eu fui aluna de Jean Bitoun, a Maria Auxiliadora Cartaxo a minha grande amiga a Aldemir e tinha a Sandra Correia que era Socióloga (a minha irmã) e a universidade colocava a disposição para lecionar em geografia.

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** A senhora foi aluna da sua irmã?

**Entrevistada Thaís de Lourdes Correia de Andrade:** Fui aluna da minha irmã, fui aluna do meu pai você imagine fazer um seminário eu esqueci que ele estava ali ele ficava guardadinho ali eu não

ficava tranquila de me dirigir a ele, ele era muito exigente.

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** Professora, como que a senhora consegue falar um pouco sobre como o seu pai Manoel Correia de Andrade influenciou a senhora na Geografia?

**Entrevistada Thaís de Lourdes Correia de Andrade:** Não posso dizer que ele não influenciou, mas a minha família tem uma tendência para a Geografia e para as ciências sociais. Então eu tenho uma tia irmã dele que foi professora de Geografia no Americano Batista e no Ginásio Pernambucano durante muitos anos só depois deixou por causa da aposentadoria e em casa nós éramos quatro: eu que fiz a opção pela geografia, a Sandra pela sociologia, o Joaquim pela geografia e a Artemis pela economia estávamos sempre voltados para essas ciências sociais. E ele não era uma pessoa que a geografia não estava apenas no gabinete de estudo dele ou na sala de aula, ele trazia a geografia para dentro de casa. Então muitos momentos na refeição era ele contando como algum fato tinha acontecido na universidade ou algum convite que ele havia recebido e na realidade não poderia falar ele se irritava pois ele estava falando da atividade profissional dele. E ele sempre gostou muito de viajar ele fazia muita excursão ele explicando a paisagem as diferenças as características e ele fazia de uma forma que a gente não se cansava eu acredito que tudo isso tenha influenciado para que no final saísse dois geógrafos, uma sociólogo e uma

economista e olha só os debates que se poderia travar com ele a biblioteca dele a disposição relativamente pois ele tinha um ciúmes muito grande nos livros dele. Ele tinha muito medo que a gente estragasse

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** Agora eu queria perguntar sobre o quantitativo entre homens e mulheres, quando a senhora chegou no departamento tinha mais homens que mulheres, era semelhante o quantitativo?

**Entrevistada Thaís de Lourdes Correia de Andrade:** Tenho a impressão que no início eram mais homens que mulheres, mas que a partir de um determinado momento as mulheres começaram a chegar com mais força até chegar com maior quantidade.

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** A senhora sentiu diferença quando as mulheres começaram a chegar com mais força?

**Entrevistada Thaís de Lourdes Correia de Andrade:** Não senti não, às vezes tinha algum colega que queria ser machão, mas a gente dizia ei baixe a bola E hoje temos um quantitativo maior de mulheres se a gente se lembrar rapidamente dos colegas, entrei lá em 1994, não me lembro daquele tempo se o quantitativo era maior e tinha professores de diversas áreas.

**Entrevistadoras Milka Lopes e Marina Loureiro:** vamos encerrando agora e muito obrigada professora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, é aparente a raiz hegemônica masculina na Ciência Geográfica e nos diversos espaços na sociedade, como também é visível a crescente representação da mulher nos diversos postos de trabalho e produções científicas com a passagem dos 1990 – 2010. Mas a bibliografia dos cursos livros ainda são majoritariamente pautadas nas reflexões dos homens. É, assim, notório que, para se posicionar como pesquisadora científica, e aqui em específico da Geografia, as mulheres hoje ainda se baseiam em temáticas, textos e em metodologias produzidas por homens; ou seja, não existe um reconhecimento e trocas mútuas. Com isso, compra-se que a hegemonia masculina não é sutil em seus resultados a curto e longo prazo, configurando a mulher em sua maioria como representação secundária (ROSE, 1993).

Em termos de contribuições femininas para a formação da Geografia (tradicional e contemporânea), ainda carrega-se certos estigmas de temáticas direcionadas para mulheres, como as de cunho humanísticos e temáticas de ensino, e que podem na maioria dos casos serem desenvolvidas como pesquisas em gabinetes (MCDOWELL, 1999, ROSE, 1993). A partir desse panorama histórico o Movimento Feminista se perpetua como marco histórico para refletir e reivindicar a presença da mulher na Ciência. No que especifica a Ciência Geográfica, a representatividade feminina foi o que marcou os primeiros estudos de Gênero ligados à Geografia.

É aparente que a mulher por sua trajetória de lutas para o reconhecimento social e profissional possui um olhar diferenciado, horizontalizado e sua presença torna-se necessária e estratégica para o desenvolvimento em vanguarda do conhecimento científico contemporâneo. Dessa forma, as mulheres atuantes como docente no Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco (1990-2010) contribuíram com suas pesquisas para a representatividade singular da Geografia produzida em Pernambuco, e incentiva, até os dias atuais, a presença da mulher na construção científica do estado e região. A Professora Thaís de Lourdes Correia como exemplo dessas mulheres, segue construindo a sua trajetória junto com a geografia desde a década de 1970 com direcionamentos para os estudos populacionais geográficos.



## LITERATURA CITADA

- LOPES Beserra, M.; LOUREIRO de Medeiros, M.; DUTRA Gomes, R. (2022). A presença das mulheres na consolidação do Pensamento Geográfico na UFPE (1960-1990). *Boletim Alfenense de Geografia*. Alfenas, 2(4), 118-133.
- MCDOWELL, L. G. (1999). *Identity, and Place: Understanding Feminist*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ROSE, G. (1993). Progress in Geography and gender. Or something else. *Progress in Human Geography*, 17(4), 531-537. <https://doi.org/10.1177/0309132593017004>